

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO IV

JUNHO DE 1861

Nº 6

Channing

DISCURSO SOBRE A VIDA FUTURA

Pregado por *Channing*, no domingo da Páscoa de 1834,
após a morte de um de seus amigos

Várias vezes temos reproduzido nesta *Revista* ditados espontâneos do Espírito Channing, que não desmentem a sua superioridade de caráter e de inteligência. Por certo nossos leitores serão gratos por lhes darmos uma idéia das opiniões que ele professava em vida, pelo seguinte fragmento de um de seus discursos, cuja tradução devemos à gentileza de um dos nossos assinantes. Sendo seu nome pouco conhecido na França, faremos precedê-lo de breve notícia biográfica.

William Ellery Channing nasceu em 1780, em Newport, Rhode-Island, Estado de Nova Iorque. Seu avô, William Ellery, assinou a famosa declaração da independência. Channing foi educado no Harvard College, destinado à profissão médica; mas seus gostos e aptidões o levaram à carreira religiosa e em 1803 tornou-se ministro da capela *unitarista* de Boston. Sempre permaneceu nessa cidade, professando a doutrina dos *Unitaristas*,

seita protestante que conta numerosos adeptos na Inglaterra e na América, nas camadas mais elevadas. Fez-se notar por seus pontos de vista amplos e liberais. Por sua eloqüência notável, por suas numerosas obras e pela profundidade de sua filosofia, é contado no número dos homens mais destacados dos Estados Unidos. Partidário declarado da paz e do progresso, pregou sem tréguas contra a escravidão e fez a essa instituição uma guerra tão obstinada, que a muitos liberais tal excesso de zelo, prejudicial à sua popularidade, por vezes parecia inoportuno. Seu nome fez autoridade entre os anti-escravagistas. Morreu em Boston em 1842, aos 62 anos de idade. Gannet o sucedeu como chefe da seita dos Unitaristas.

“Para a massa dos homens, o céu é quase sempre um mundo de fantasia: falta-lhe substância. A idéia de um mundo no qual existam seres sem corpos grosseiros, Espíritos puros ou revestidos de corpos espirituais ou etéreos, parece-lhes pura ficção; aquilo que nem se pode ver nem tocar não lhes parece real. Isto é triste, mas não é de admirar; de fato, como é possível que homens mergulhados na matéria e em seus interesses, não cultivando o conhecimento da alma e de suas capacidades espirituais, possam compreender uma vida espiritual mais elevada? A multidão considera como sonhador visionário aquele que fala claramente e com alegria de sua vida futura e do triunfo do Espírito sobre a decomposição corpórea. Esse cepticismo sobre as coisas espirituais e celestes é tão irracional e pouco filosófico quanto aviltante.

.....

“E quanto é pouco racional imaginar que não haja outros mundos além deste, outro modo de existência mais elevado que o nosso! Quem é aquele que, percorrendo os olhos sobre esta Criação imensa, pode duvidar que não haja seres superiores a nós,

ou ver algo despropositado em conceber o Espírito num estado menos circunscrito, menos entravado do que na Terra, em outras palavras, que haja um mundo espiritual?

.....

“Aqueles que nos deixaram por um outro mundo devem tomar por este um interesse ainda mais profundo; seus laços com os que aqui deixaram se depuram, mas não se dissolvem. Se o estado futuro é um melhoramento do estado presente, se a inteligência deve ser fortalecida e o amor ampliado, a memória, poder fundamental da inteligência, deve agir sobre o passado com uma energia maior, e todas as afeições benévolas que aqui conservamos devem receber uma atividade nova. Supor apagada a vida terrena do Espírito seria destruir a sua utilidade, romper a relação dos dois mundos e subverter a responsabilidade; de outro modo, como a recompensa e o castigo atingiriam uma existência esquecida? Não; é preciso que conosco levemos o presente, seja qual for o nosso futuro, feliz ou desgraçado. Os bons formarão, é verdade, laços novos mais santos; mas, sob a influência expansiva desse mundo melhor, o coração terá uma capacidade bastante grande para reter os laços antigos, à medida que forma novos; lembrar-se-á com ternura do seu lugar de nascimento, enquanto goza de uma existência mais madura e mais feliz. Se eu pudesse imaginar que aqueles que partiram morrem para os que ficam, eu os honraria e amaria menos. O homem que, deixando-os, esquece os seus, parece desprovido dos melhores sentimentos de nossa natureza; e se, em sua nova pátria, os justos devessem esquecer os seus pais na Terra, se, ao se aproximarem de Deus, devessem cessar de interceder por eles, poderíamos achar que a mudança lhes foi proveitosa?

“Poder-se-ia perguntar se os que são levados ao céu não apenas se lembram com interesse dos que deixaram na Terra, mas, ainda, se têm um conhecimento presente e imediato. Não tenho

nenhuma razão para crer que tal conhecimento não exista. Estamos habituados a considerar o céu como afastado de nós, mas nada o prova. O céu é a união, a sociedade dos seres espirituais superiores. Não podem esses seres povoar todo o Universo, reproduzindo o céu por toda parte? Como nós, é provável que tais seres sejam circunscritos por limites materiais? Disse Milton:

*‘Millions of spiritual beings walk the earth
Both when we wake and when we sleep.’*

‘Milhões de seres espirituais percorrem a Terra tão bem quando velamos, como quando dormimos.’

“Um sentido novo, uma nova visão poderia mostrar-nos que o mundo espiritual nos envolve por todos os lados. Mas supõe mesmo que o céu esteja afastado; nem por isso seus habitantes deixam de estar presentes e nós visíveis para eles; porém, o que entendemos por presença? Não estou presente para aqueles dentre vós que meu braço não pode alcançar, mas que vejo distintamente? Não está plenamente de acordo com o nosso conhecimento da Natureza supor que os que estão no céu, seja qual for o local de sua residência, possam ter sentidos e órgãos espirituais, por meio dos quais podem ver o que está distante, com a mesma facilidade com que distinguimos o que está perto? Nossos olhos percebem sem esforço planetas a milhões de léguas de distância e, com o auxílio da Ciência, podemos reconhecer até mesmo as desigualdades de sua superfície. Podemos mesmo imaginar um órgão visual bastante sensível ou um instrumento suficientemente poderoso para permitir distinguir, de nosso globo, os habitantes desses mundos afastados. Por que, então, os que entraram na sua fase de existência mais elevada, que estão revestidos de corpos espiritualizados, não poderiam contemplar nossa Terra tão facilmente quanto na época em que era a sua morada?

“Isto pode ser verdade; mas, se o aceitamos assim, não abusamos: poder-se-ia abusar. Não pensamos nos mortos como se eles nos contemplassem com um amor parcial, terreno. Eles nos amam mais que nunca, mas com uma afeição espiritual depurada. Têm por nós apenas um desejo: o de que nos tornemos dignos de nos reunirmos em sua morada de beneficência e de piedade. Sua visão espiritual penetra as nossas almas; se pudéssemos ouvir a sua voz, não seria uma declaração de afeição pessoal, mas um apelo vivificante a maiores esforços, a uma abnegação mais firme, a uma caridade mais ampla, a uma paciência mais humilde, a uma obediência mais filial à vontade de Deus. Eles respiram a atmosfera da benevolência divina, e sua missão é agora mais elevada do que o era aqui.

“Perguntar-me-eis: se nossos mortos conhecem os males que nos afligem, existirá sofrimento nessa vida bendita? Respondo que não posso considerar o céu senão como um mundo de simpatias. Parece-me que nada pode melhor atrair o olhar de seus habitantes benfazejos do que a visão da miséria de seus irmãos. Mas esta simpatia, se dá origem à tristeza, está longe de tornar infelizes os que a sentem. Neste mundo inferior, a compaixão desinteressada, aliada ao poder de abrandar o sofrimento, é uma garantia de paz, muitas vezes proporcionando os mais puros prazeres. Livres de nossas enfermidades presentes e esclarecidos pela visão mais dilatada da perfeição da governança divina, esta simpatia acrescentará mais encanto à virtude dos seres abençoados e, como qualquer outra fonte de perfeição, só fará aumentar-lhes a felicidade.

.....

“Nossos amigos, que nos deixam por esse outro mundo, não se encontram no meio de desconhecidos; não têm esse sentimento desolado de haver trocado a pátria por uma terra estrangeira. As mais ternas palavras de amizade humana não se

aproximam dos acentos de felicitações que os esperam quando chegarem àquela morada. Lá o Espírito tem meios mais seguros de se revelar do que aqui; o recém-chegado sente-se e se vê cercado de virtudes e de bondade e, por essa visão íntima dos Espíritos simpáticos que os rodeiam, ligações mais fortes que as cimentadas pelos anos na Terra podem criar-se momentaneamente. As mais íntimas afeições na Terra são frias, comparadas às dos Espíritos. De que maneira eles se comunicam? Em que língua e por meio de que órgãos? Ignoramo-lo, mas sabemos que o Espírito, progredindo, deve adquirir maior facilidade para transmitir o seu pensamento.

“Incorreríamos em erro se crêssemos que os habitantes do céu se limitam à comunicação recíproca de suas idéias; ao contrário, os que atingem esse mundo entram em novo estado de atividade, de vida e de esforços. Somos levados a pensar que o estado futuro seja de tal modo feliz que ninguém ali necessite de auxílio, que o esforço cesse, que os bons nada tenham a fazer senão gozar. A verdade, entretanto, é que toda ação na Terra, mesmo a mais intensa, não passa de jogo infantil, comparado à atividade, à energia desdobrada nessa vida mais elevada. E deve ser assim, porquanto não há princípio mais ativo que a inteligência, a beneficência, o amor da verdade, a sede da perfeição, a piedade pelos sofrimentos e o devotamento à obra divina, que são os princípios expansivos da vida de além-túmulo. É, então, que a alma tem consciência de suas capacidades, que a verdade infinita se manifesta diante de nós, que sentimos que o Universo é uma esfera sem limites para a descoberta, para a Ciência, para a caridade e para a adoração. Esses novos objetivos da vida, que reduzem a nada os interesses atuais, manifestam-se constantemente. Não se deve, pois, imaginar que o céu seja composto de uma comunidade estacionária. Eu o concebo como um mundo de planos e de esforços prodigiosos para o seu próprio melhoramento. Considero-o como uma sociedade a atravessar fases sucessivas de desenvolvimento, de virtudes, de conhecimentos, de poder, pela energia de seus próprios membros.

“O gênio celeste está sempre ativo a explorar as grande leis da Criação e os princípios eternos do espírito, a desvendar o belo na ordem do Universo e a descobrir os meios de avanço para cada alma. Lá, como aqui, há inteligências de diversas graus, e os Espíritos mais evoluídos encontram a felicidade e o progresso educando os mais atrasados. Lá o trabalho de educação, como na Terra, progride sempre, e uma filosofia mais divina que a ensinada entre nós revela ao Espírito a sua própria essência, estimulando-o a esforços alegres para a sua própria perfeição.

“O céu encontra-se em relação com outros mundos; seus habitantes são os mensageiros de Deus em toda a Criação; eles têm grandes missões a cumprir e, pelo progresso de sua existência sem-fim, pode Deus lhes confiar o cuidado de outros mundos.”

.....

Este discurso foi pronunciado em 1834. Nessa época não se cogitava de manifestações de Espíritos na América. Channing, portanto, não as conhecia; do contrário teria afirmado o que em certos pontos apenas admitiu como hipótese. Mas não é notável ver esse homem pressentir com tanta precisão aquilo que só deveria ser revelado alguns anos mais tarde? Porque, salvo poucas exceções, sua descrição da vida futura concorda perfeitamente. Só falta a reencarnação; aliás, se a examinarmos bem, vemos que dela ele se aproxima, como chega perto das manifestações, sobre as quais se cala, porque não as conhece. Com efeito, admite o mundo invisível que nos rodeia, em meio a nós, cheio de solicitude por nós, auxiliando-nos a progredir. Daí às comunicações diretas não há senão um passo. Não admite no mundo celeste a contemplação perpétua, mas a atividade e o progresso; aceita a pluralidade dos mundos corpóreos, mais ou menos adiantados. Se tivesse dito que os Espíritos podiam realizar o seu progresso passando por esses diferentes mundos, teríamos aí

a reencarnação. Sem esta, a idéia desses mundos progressivos é mesmo inconciliável com a criação das almas no momento do nascimento dos corpos, a menos que se admita tenham as almas sido criadas mais ou menos perfeitas; neste caso, seria necessário justificar essa preferência. Não é mais lógico dizer que se as almas de um mundo são mais avançadas que as de um outro, é que já viveram em mundos inferiores? O mesmo se pode dizer dos habitantes da Terra, comparados entre si, desde o selvagem até o homem civilizado. Seja como for, perguntamos se um tal retrato da vida de além-túmulo, por suas deduções lógicas, acessíveis às inteligências mais vulgares e aceita pela mais severa razão, não é cem vezes mais adequada para infundir a convicção e a confiança no futuro, do que a horrível e inadmissível descrição das torturas sem-fim, tomadas de empréstimo do Tártaro do paganismo? Os que pregam essas crenças não fazem a menor idéia do número de incrédulos que geram, nem dos recrutados que arregimentam para a falange dos materialistas.

Notemos que Milton, citado nesse discurso, emite sobre o mundo invisível ambiente uma opinião em tudo conforme à de Channing, que é também a dos espíritas modernos. É que Milton, como Channing e como tantos outros homens eminentes, eram espíritas por intuição. É por isso que não cessamos de afirmar que o Espiritismo não é uma invenção moderna; é de todos os tempos, porque houve almas em todos os tempos e em todos os tempos a massa de homens acreditou na alma. Assim, encontram-se traços dessas idéias numa multidão de escritores, antigos e modernos, sagrados e profanos. Essa intuição das idéias espíritas é de tal modo geral que vemos todos os dias uma porção de pessoas que, delas ouvindo falar pela primeira vez, absolutamente não se admiram: não faltava senão uma sistematização para a sua crença.

Correspondência

Carta do Sr. Roustaing, de Bordeaux

A carta seguinte nos foi enviada pelo *Sr. Roustaing*, advogado na Corte Imperial de Bordeaux, antigo bastonário. Os princípios aí altamente expressos por um homem de sua posição, posto entre os mais esclarecidos, talvez levem a refletir aqueles que, julgando ter o privilégio da razão, classificam, sem cerimônia, todos os adeptos do Espiritismo como imbecis.

“Meu caro senhor e muito honrado chefe espírita,

“Recebi a doce influência e colhi o benefício destas palavras do Cristo a Tomé: *Felizes os que não viram e creram*. Profundas, verdadeiras e divinas palavras, que mostram a via mais segura, a mais racional, que conduz à fé, segundo a máxima de São Paulo, que o Espiritismo cumpriu e realiza: *Rationabile sit obsequium vestrum*.

“Quando vos escrevi em março último, pela primeira vez, dizia: *Nada vi, mas li e compreendi; e creio*. Deus me recompensou muito por ter acreditado sem ter visto; depois vi e vi bem; vi em condições proveitosas, e a parte experimental veio animar, se assim me posso exprimir, a fé que a parte doutrinária me proporcionara e, fortalecendo-a, imprimir-lhe a vida.

“Depois de ter estudado e compreendido, eu conhecia o mundo invisível como conhece Paris quem a estudou sobre o mapa. Por experiência, trabalho e observação continuada, cheguei a conhecer o mundo invisível e seus habitantes, como conhece Paris quem a percorreu, mas sem ter ainda penetrado em todos os recantos desta vasta capital. Contudo, desde o começo do mês de abril, graças ao conhecimento que me proporcionastes, do excelente Sr. Sabò e de sua família patriarcal, todos bons e verdadeiros espírita, pude trabalhar e trabalho constantemente

com eles, todos os dias, quer em minha casa, quer na presença e com o concurso dos adeptos de nossa cidade, que estão convictos da veracidade do Espiritismo, embora nem todos ainda sejam, de fato e na prática, espíritas.

“O Sr. Sabò vos enviou exatamente o produto de nossos trabalhos, obtidos a título de ensinamento por evocações ou manifestações espontâneas dos Espíritos superiores. Experimentamos tanta alegria e surpresa, quanto confusão e humildade, quando recebemos esses ensinamentos, tão preciosos e verdadeiramente sublimes, de tantos Espíritos elevados, que nos vieram visitar ou nos enviaram mensageiros para falar em seu nome.

“Oh! caro senhor, como sou feliz por não mais pertencer, pelo culto material, à Terra, que agora sei não ser para os nossos Espíritos senão um lugar de exílio, a título de provas ou de expiação! Como sou feliz por conhecer e ter compreendido a *reencarnação*, com todo o seu alcance e todas as suas conseqüências, como realidade e não como alegoria. A reencarnação, esta sublime e eqüitativa justiça de Deus, como ainda ontem dizia o meu guia protetor, tão bela, tão consoladora, visto deixar a possibilidade de fazer no dia seguinte o que não pudemos fazer na véspera; que faz a criatura progredir para o Criador; ‘esta justa e eqüitativa lei’, segundo a expressão de Joseph de Maistre, na evocação que fizemos de seu Espírito, e que recebestes; a reencarnação é, conforme a divina palavra do Cristo, ‘o longo e difícil caminho a percorrer para chegar à morada de Deus.’

“Agora compreendo o sentido destas palavras de Jesus a Nicodemos: *Sois doutor da lei e ignorais isto?* Hoje, que Deus me permitiu compreender de maneira completa toda a verdade da lei evangélica, eu me pergunto como a ignorância dos homens, *doutores da lei*, pôde resistir a este ponto à interpretação dos textos; produzir assim o erro e a mentira que engendraram e alimentaram o

materialismo, a incredulidade, o fanatismo ou a poltronaria? Eu me pergunto como esta ignorância, este erro puderam produzir-se quanto o Cristo tivera o cuidado de proclamar a necessidade de reviver, dizendo: *É preciso nascer de novo* e, por aí, a reencarnação, como único meio de alcançar o reino de Deus, o que já era conhecido e ensinado na Terra e que Nicodemos devia saber: ‘Sois doutor da lei e ignorais isto!’ É verdade que o Cristo acrescenta a cada passo: ‘Que os que têm ouvidos, ouçam’; e também: ‘Têm olhos e não vêem; tem ouvidos e não ouvem e não compreendem’, o que também se aplica aos que vieram depois dele, assim como aos de seu tempo.

“Dissera eu que Deus, em sua bondade, recompensou-me por nossos trabalhos até este dia, e os ensinamentos que nos foram transmitidos pelos seus divinos mensageiros, ‘missionários devotados e inteligentes junto aos seus irmãos – segundo a expressão do Espírito Fénelon – para lhes inspirar o amor e a caridade do próximo, o esquecimento das injúrias e o culto da adoração devido a Deus.’ Compreendo agora o admirável alcance destas palavras do Espírito Fénelon, quando fala desses divinos mensageiros: ‘Viveram tantas vezes que se tornaram nossos mestres.’

“Agradeço com alegria e humildade a esses divinos mensageiros por terem vindo nos ensinar que o Cristo está em missão na Terra para a propagação e o sucesso do Espiritismo, esta terceira explosão da bondade divina, em cumprimento daquela palavra final do Evangelho: *Unum ovile et unus pastor*’; por nos ter vindo dizer: ‘Nada temais! O Cristo – por eles chamado Espírito de Verdade – é o primeiro e mais santo missionário das idéias espíritas.’ Estas palavras me tinham tocado vivamente e eu me perguntava: *Mas onde então está o Cristo em missão na Terra?*’ A Verdade comanda, conforme expressão do Espírito Marius, bispo dos primeiros tempos da Igreja, essa falange de Espíritos enviados por Deus em missão na Terra, para a propagação e o sucesso do Espiritismo.

“Que doces e puras satisfações dão esses trabalhos espíritas, pela caridade feita, com o auxílio da evocação aos Espíritos sofredores! Que consolação entrar em comunicação com os que, na Terra, foram nossos parentes ou amigos; saber que são felizes, ou aliviar-lhes, caso sofram! Que viva e brilhante luz projetam em nossas almas esses ensinamentos espíritas que, fazendo-nos conhecer a verdade completa da lei do Cristo, dão-nos a fé por nossa própria razão e nos fazem compreender a onipotência do Criador, sua grandeza, sua justiça, sua bondade e sua misericórdia infinitas, colocando-nos assim na deliciosa necessidade de praticar esta lei divina de amor e de caridade! Que sublime revelação nos dão, ensinando que esses divinos mensageiros, fazendo-nos progredir, progridem eles também, indo aumentar a falange sagrada dos Espíritos perfeitos! A admirável e divina harmonia que nos mostra, ao mesmo tempo, a unidade em Deus e a solidariedade entre todas as criaturas; que nos revela estas sob a influência e o impulso dessa solidariedade, dessa simpatia, dessa reciprocidade, chamadas a subir e subindo, mas não sem passos falsos e sem quedas, nos seus primeiros ensaios, esta longa e alta escada espírita para, após haver percorrido todos os degraus, chegar, do estado de simplicidade e de ignorância originais, à perfeição intelectual e moral e, por esta perfeição, a Deus. Admirável e divina harmonia, que nos mostra esta grande divisão da inferioridade e da superioridade, pela distinção entre os mundos de exílio, onde tudo são provas ou expiações, dos mundos superiores, morada dos Espíritos bons, onde não têm senão que progredir para o bem.

“Bem compreendida, a reencarnação ensina aos homens que eles aqui se acham de passagem, livres para não mais voltar, se para isso fizerem o que for necessário; que o poder, as riquezas, as dignidades, a ciência não lhes são dados senão a título de provas e como meio de progredir para o bem; que em suas mãos não são mais que um depósito e um instrumento para a prática da lei de amor e de caridade; que o mendigo que passa ao lado de um grão-senhor é seu irmão perante Deus e talvez o tenha sido diante

dos homens; que, talvez, tenha sido rico e poderoso; se agora se encontra numa condição obscura e miserável, é por ter falido em suas terríveis provas, lembrando assim aquela palavra célebre, do ponto de vista das condições sociais: Não há senão um passo do Capitólio à rocha Tarpéia, com a diferença de que, pela reencarnação, o Espírito se levanta de sua queda e pode, depois de haver remontado ao Capitólio, lançar-se de seu picos às regiões celestes, morada esplêndida dos Espíritos bons.

“A reencarnação, ao ensinar aos homens, segundo a admirável expressão de Platão, que não há quem não descenda de um pastor, nem pastor que não descenda de um rei, dissipa todas as vaidades terrenas, liberta do culto material, nivela *moralmente* todas as condições sociais; constitui a igualdade, a fraternidade entre os homens, como para os Espíritos, em Deus e diante de Deus, e a liberdade que, sem a lei de amor e de caridade, não passa de mentira e de utopia, como ultimamente no-lo dizia o Espírito Washington. Em seu conjunto, o Espiritismo vem dar aos homens a unidade e a verdade em todo progresso intelectual e moral, grande e sublime empreendimento, do qual somos apenas humildes apóstolos.

“Adeus, meu caro senhor. Após três meses de silêncio, eu vos sobrecarrego com uma carta muito longa. Respondei quando puderdes e quando quiserdes. Eu me propunha a fazer uma viagem a Paris para ter o prazer de vos conhecer pessoalmente, de vos apertar fraternalmente a mão; minha saúde, porém, opõe-se no momento a tal propósito.

“Podeis fazer desta carta o uso que julgardes conveniente. Eu me honro de ser altivamente e publicamente espírita.

“Vosso bem dedicado,

Roustaing, advogado

Como nós, todos apreciarão a exatidão dos pensamentos expressos nesta carta. Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr. Roustaing passou a mestre em assunto de apreciação. É que estudou séria e profundamente, o que lhe permitiu apanhar, com rapidez, todas as conseqüências dessa grave questão do Espiritismo, não se detendo, em sentido oposto a muita gente, na superfície. Dissera ainda nada ter visto, mas estava convencido, porque havia lido e compreendido. Tem ele isto de comum com muitas criaturas e sempre observamos que estas, longe de serem superficiais, são, ao contrário, as que mais refletem. Ligando-se mais ao fundo do que à forma, para elas a parte filosófica é a principal, sendo acessórios os fenômenos propriamente ditos; dizem que mesmo que tais fenômenos não existissem, nem por isso deixaria de haver uma filosofia, a única que resolve problemas até hoje insolúveis; a única a dar, do passado e do futuro do homem, a teoria mais racional. Ora, eles preferem uma doutrina que explica a uma que nada explica, ou explica mal. Quem quer que reflita, compreende perfeitamente que se pode fazer abstração das manifestações sem que, por isso, deixe a doutrina de subsistir. As manifestações vêm corroborá-la, confirmá-la, mas não são a sua base essencial. O discurso de Channing, que acabamos de citar, é prova disso, porque, cerca de vinte anos antes dessa grande exibição de manifestações na América, somente o raciocínio o havia conduzido às mesmas conseqüências.

Há um outro ponto, pelo qual também se reconhece o espírita sério; pelas citações que o autor desta carta faz, dos pensamentos contidos nas comunicações que ele recebeu, prova que não se limitou a admirá-las como belos trechos literários, bons para conservar num álbum, mas que as estuda, medita e tira proveito. Infelizmente há muitos para quem esse importante ensinamento permanece letra morta; que colecionam essas belas comunicações como certa gente coleciona belos livros, mas sem os ler.

Devemos, além disso, felicitar o Sr. Roustaing pela declaração com que termina sua carta. Infelizmente nem todos têm, como ele, a coragem da própria opinião, o que estimula os adversários. Entretanto, forçoso é reconhecer que as coisas têm mudado muito neste particular, de algum tempo a esta parte. Há dois anos apenas, muitas pessoas só falavam do Espiritismo entre quatro paredes; só compravam livros às escondidas e tinham grande cuidado em não os deixar em evidência. Hoje é bem diferente; já se familiarizaram com os epítetos *grosseiros* dos gracejadores e deles se riem, em vez de se ofenderem. Não mais têm receio em confessar-se espíritas abertamente, como não temem dizer-se partidários de tal ou qual filosofia, do magnetismo, do sonambulismo, etc.; discutem livremente o assunto com o primeiro que chegar, como discutiriam sobre os clássicos e os românticos, sem se sentirem humilhados por serem a favor destes ou daqueles. É um progresso imenso, que prova duas coisas: o progresso das idéias espíritas em geral, e a pouca consistência dos argumentos dos adversários. Terá como consequência impor silêncio a estes últimos, que se julgavam fortes por se crerem mais numerosos; mas quando, de todos os lados, encontram com quem falar, não diremos que serão convertidos, mas guardarão reserva. Conhecemos uma pequena cidade da província, onde, há um ano, o Espiritismo não contava senão com um adepto, que era apontado a dedo como um bicho estranho e assim considerado; e, quem sabe? talvez até deserdado por sua família ou destituído de seu cargo. Hoje os adeptos ali são numerosos; reúnem-se abertamente, sem se inquietarem com o que dirão; e quando se viram entre eles autoridades municipais, funcionários, oficiais, engenheiros, advogados, tabeliães e outros, que não ocultavam suas simpatias pelo Espiritismo, os trocistas cessaram de zombar e o jornal da localidade, redigido por um espírito muito forte, que já havia lançado alguns dardos e se aprestava para pulverizar a nova doutrina, temendo encontrar pelas costas partido mais forte que o dele, guardou prudente silêncio. É a história de muitas outras localidades, história que se generalizará à medida que os partidários

do Espiritismo, cujo número aumenta diariamente, levantam a cabeça e a voz. Bem podem querer abater uma cabeça que se mostre, mas quando há vinte, quarenta, cem pessoas que não receiam falar alto e firme, pensam duas vezes, e isso dá coragem a quem não a possui.

A Prece

Um de nossos correspondentes de Lyon nos envia o seguinte trecho de poesia. Entra muito no espírito da Doutrina Espírita, para não nos privarmos do prazer de lhe conceder espaço em nossa *Revista*.

Mais não possa, mortais, por meus fracos acentos
Pôr-vos no coração o incenso dos alentos!
Em versos aprendeis, ouvindo-lhe a expressão,
Isso que é suplicar, isso que é oração.
É, num fluido ardoroso, um impulso de amor,
Que da alma se projeta e se eleva ao Senhor.
Sublimada expansão da humilde criatura
O que retorna à fonte excelsa da Natura!
Orar não muda em nada as sábias leis do Eterno,
Inalteráveis sempre; o coração paterno
Derrama o influxo seu sobre aquele que o implora
E assim redobra o ardor do fogo que o devora.
É então que o ser se sente elevar e crescer;
E ao próximo de amor o coração bater.
Mas ele esparge amor, mais augusto é o saber
Que enche o seu coração de altos dons a deter.
Um santo anseio, então, de rogar pelos mortos,
Sob o peso da pena e agudos desconfortos,
Nos mostra a precisão que o estado seu reclama
De então lhes dirigir o fluido da alma que ama,
Que, bálsamo eficaz e tão consolador,
Penetra-lhes no ser como um libertador.
Tudo se lhes reanima; um raio de esperança
Ajuda-lhes o esforço e à redenção os lança.
Assim como os mortais vencidos pelo mal

Que um bálsamo supremo os leva ao natural,
 Regenerados são por um impulso oculto
 Da augusta prece ardente e seu divino culto.
 Redobremos o ardor; nada se perde enfim;
 Peçamos mais e mais por eles até o fim;
 A prece, sempre a prece, essa chispa divina,
 Faz-se foco de amor, pois ao final domina.
 Sim, pelos mortos, sempre oremos com fervor,
 Que eles nos enviarão doce raio de amor.

Joly

Nestes versos, evidentemente inspirados por um Espírito elevado, o objetivo e os efeitos da prece são definidos com perfeita exatidão. Certamente Deus não derroga suas leis a pedido nosso, pois de outro modo seria a negação de um de seus atributos, que é a imutabilidade; mas a prece age principalmente sobre aquele que constitui o seu objeto; é, em primeiro lugar, um testemunho de simpatia e de comiseração que se lhe dá e que, por isso mesmo, faz com que a sua pena lhe pareça menos pesada; em segundo lugar, tem por efeito ativo estimular o Espírito ao arrependimento de suas faltas, inspirando-lhe o desejo de as reparar pela prática do bem. Disse Deus: “A cada um segundo as suas obras.” Lei eminentemente justa, que nos põe a sorte em nossas próprias mãos e que tem como conseqüência subordinar a duração da pena à duração da impenitência; de onde se segue que a pena seria eterna, se eterna fosse a impenitência. Se, pois, pela ação moral da prece, provocarmos o arrependimento e a reparação voluntária, por ela mesma abreviamos o tempo da expiação. Tudo isto está perfeitamente expresso nos versos acima. Esta doutrina pode não ser muito ortodoxa aos olhos dos que crêem num Deus impiedoso, surdo à voz que o implora, condenando a torturas sem-fim suas próprias criaturas pelas faltas de uma vida passageira. Mas, convenhamos que ela é mais lógica e mais conforme à verdadeira justiça e à bondade de Deus. Tudo nos diz, assim a religião como a razão, que Deus é infinitamente bom; com o dogma do fogo

eterno, forçoso é ajuntar que ele é, ao mesmo tempo, infinitamente impiedoso, dois atributos que se anulam reciprocamente, pois um é a negação do outro. Quanto ao mais, o número dos partidários da eternidade das penas diminui todos os dias: é um fato positivo, incontestável; logo estará tão restrito que poderão ser contados. E mesmo que a Igreja, desde hoje, tachasse de heresia e, conseqüentemente, rejeitasse de seu seio todos quantos não crêem nas penas eternas, haveria entre os católicos mais heréticos do que verdadeiros crentes, sendo preciso condenar, ao mesmo tempo, todos os eclesiásticos e teólogos que, como nós, interpretam essa palavra num sentido relativo, e não absoluto.

Conversas Familiares de Além-Túmulo

É um erro imaginar que não tenhamos nada a ganhar nas conversas com os Espíritos de homens vulgares, e que só dos homens ilustres podem sair ensinamentos proveitosos. Em seu número, por certo, muitos serão insignificantes, mas muitos, também, de quem menos se espera, saem revelações de grande importância para o observador sério. Aliás, há um ponto que nos interessa em grau supremo, porque nos toca mais de perto: é a passagem, a transição da vida atual à vida futura, passagem tão temida que só o Espiritismo pode nos fazer encará-la sem pavor, e que só podemos conhecer estudando os casos atuais, isto é, os que acabam de transpô-la, sejam ilustres ou não.

O MARQUÊS DE SAINT-PAUL

Morto em 1860. Evocado a pedido de sua irmã, membro da Sociedade, em 16 de maio de 1861.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. A senhora vossa irmã pediu-nos para vos evocar, embora seja médium, mas não ainda bastante desenvolvida para sentir-se segura.

Resp. – Tentarei responder da melhor forma possível.

3. Primeiramente ela deseja saber se sois feliz.

Resp. – Estou errante e este estado transitório nunca traz felicidade nem castigo absolutos.

4. Demorastes muito tempo para vos reconhecerdes?

Resp. – Fiquei muito tempo em perturbação, e dela não saí senão para bendizer a piedade dos que não me esqueciam e oravam por mim.

5. Podeis avaliar o tempo dessa perturbação?

Resp. – Não.

6. Quais de vossos parentes logo reconhecestes?

Resp. – Reconheci minha mãe e meu pai; ambos me receberam ao despertar. Eles me iniciaram na vida nova.

7. Como explicar que no fim de vossa doença parecíeis conversar com os que havíeis amado na Terra?

Resp. – Porque tive, antes de morrer, a revelação do mundo que iria habitar. Eu era vidente antes de morrer e meus olhos se velaram na passagem da separação definitiva do corpo, porque muito vigorosos ainda eram os laços carnis.

Observação – O fenômeno do desprendimento antecipado da alma é muito freqüente. Antes de morrer, muitas pessoas entrevêm o mundo dos Espíritos; é, sem dúvida, com o objetivo de suavizar, pela esperança, o pesar de deixar a vida. Mas o Espírito acrescenta que seus olhos se velaram durante a separação; é, com efeito, o que sempre ocorre. Nesse momento o Espírito, perdendo a consciência de si mesmo, jamais testemunha o último suspiro de seu corpo e a separação se opera sem que dela se

dê conta. As próprias convulsões da agonia são um efeito puramente físico, cuja sensação o Espírito quase nunca experimenta; dizemos *quase* porque pode acontecer que estas últimas dores lhe sejam infligidas como castigo.

8. Como é que as lembranças da infância parecem vir de preferência a outras?

Resp. – Porque o começo é mais aproximado do fim do que o meio da vida.

9. O que pretendeis significar com isso?

Resp. – Que os moribundos se lembram e vêem, *como consoladora miragem*, os anos jovens e inocentes.

Observação – É provavelmente por um motivo providencial semelhante que os velhos, à medida que se lhes aproxima o termo da vida, algumas vezes têm lembranças tão precisas dos menores detalhes de seus primeiros anos.

10. Por que, referindo-se ao vosso corpo, faláveis sempre na terceira pessoa?

Resp. – Porque, como disse, eu era vidente e sentia claramente as diferenças que existem entre o físico e o moral; tais diferenças, ligadas entre si pelo fluido da vida, tornam-se bem distintas aos olhos dos agonizantes clarividentes.

Observação – Eis aí uma particularidade singular, apresentada pela morte desse senhor. Nos seus últimos momentos dizia sempre: Ele tem sede; é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio; é preciso aquecê-lo; ele sofre em tal região, etc. E quando lhe diziam: Mas sois vós que tendes sede, ele respondia: Não, é ele. Aqui se desenham perfeitamente as duas existências; o *eu* pensante está no Espírito e não no corpo; já em parte desprendido, o Espírito considerava seu corpo como uma outra individualidade, que, a bem dizer, não era *ele*. Era, pois, ao seu corpo que deviam dar de beber, e não a ele, Espírito.

11. O que dissestes do vosso estado errante e da duração da vossa perturbação levam a crer que não sois muito feliz e, no entanto, vossas qualidades deveriam fazer supor o contrário. Aliás, há Espíritos errantes que são muito felizes, como os há muito infelizes.

Resp. – Estou num estado transitório. As virtudes humanas aqui adquirem seu verdadeiro valor. Sem dúvida meu estado é cem mil vezes preferível ao da encarnação terrena, mas sempre carreguei comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma não será saciada senão quando se alçar aos pés de seu Criador.

HENRI MONDEUX

Sociedade Espírita Parisiense – 26 de abril de 1861

Os jornais anunciaram, em fevereiro último, a morte súbita do pastor Henri Mondeux, o célebre calculador, que sucumbiu nos primeiros dias de fevereiro de 1861 a um ataque de apoplexia na diligência de Condom (Gers), com cerca de 34 anos. Tinha nascido na Touraine e desde a idade de dez anos fez-se notar pela prodigiosa facilidade com que resolvia, de cabeça, as mais intrincadas questões de aritmética, embora completamente iletrado e não havendo feito nenhum estudo especial. Logo atraiu a atenção e muitas pessoas iam vê-lo, enquanto pastoreava seus rebanhos. Os visitantes divertiam-se em propor-lhe problemas, o que lhe proporcionava pequeno lucro. Lembravam ainda o pastor napolitano, Vito Mangiamele que, poucos anos antes, tinha apresentado um fenômeno semelhante. Um professor de matemática do colégio de Tours pensou que um dom natural tão notável deveria dar resultados surpreendentes, se fosse auxiliado. Em conseqüência, empenhou-se na tarefa de o educar; mas não tardou a perceber que lidava com uma das mais refratárias naturezas. Com efeito, aos dezesseis anos de idade, mal sabia ler e escrever correntemente e, coisa extraordinária, jamais conseguira o professor que ele retivesse o nome das figuras elementares de

geometria, de sorte que sua faculdade era inteiramente circunscrita às combinações numéricas. Era, pois, um calculador, mas não um matemático.

Uma outra singularidade é que ele jamais pôde dobrar-se às nossas fórmulas de cálculo; nem mesmo as compreendia; tinha sua própria maneira, à qual nunca pôde dar conta de maneira clara, não sendo capaz de explicá-la nem aos outros, nem a si mesmo, e que se prendia a uma memória prodigiosa dos números. Dizemos dos números e não dos algarismos, porque a visão destes últimos o atrapalhava mais que o ajudava; preferia que os problemas fossem colocados verbalmente, e não por escrito.

Tal é, em resumo, o resultado das observações que nós próprios fizemos sobre o jovem Mondeux, e que, na ocasião, nos forneceram assunto para uma Memória, lida na Sociedade Frenológica de Paris.

Uma faculdade tão exclusiva, conquanto levada ao extremo limite, não podia abrir-lhe nenhuma carreira, porque nem mesmo poderia ser contador numa casa comercial, e disto seu professor se apavorava, e com razão; este quase se censurava por havê-lo retirado de suas vacas, perguntando-se o que seria dele quando os anos o tivessem privado do interesse a ele ligado, sobretudo em razão da sua idade. Nós o perdemos de vista há dezoito anos; parece que encontrou algum meio de subsistência dando sessões de cidade em cidade.

1. Evocação.

Resp. – 4 e 3 são sete, tanto nos outros mundos, como aqui.

2. Queríamos evocar-vos pouco depois de vossa morte, mas nos foi dito que não vos encontráveis em condição de responder. Parece que estais agora?

Resp. – Eu vos esperava.

3. É provável que não vos lembreis de mim, embora eu tenha tido ocasião de vos conhecer muito particularmente na Prússia, e mesmo de assistir às vossas sessões. Quanto a mim, ainda me parece vos ver, bem como ao professor de matemática que vos acompanhava, e que me deu preciosas informações sobre vós e vossa faculdade.

Resp. – Tudo isto é para que eu diga que me recordo de vós, mas somente hoje, em que minhas idéias estão lúcidas.

4. De onde vinha a estranha faculdade de que éreis dotado?

Resp. – Ah! eis a pergunta que eu sabia iríeis me dirigir. Começa-se por dizer: eu vos conhecia, eu vos tinha visto, éreis notável e, enfim, chegais ao que de fato quereis. Pois bem! eu tinha a faculdade de poder ler em meu espírito os cálculos imediatos de um problema; dissei que um Espírito expunha diante de mim a solução: eu tinha apenas de ler; eu era médium vidente e calculador e, não devo negar, uma pequena tabuada.

5. Tanto quanto posso lembrar-me, quando vivo não tínheis este espírito brincalhão, cáustico. Não éreis mesmo um pouco grave?

Resp. – Veja! porque a faculdade foi sempre empregada nisto, não restava mais outra coisa.

6. Como é que essa faculdade, tão desenvolvida para o cálculo, fosse tão incompleta para as outras partes mais elementares das matemáticas?

Resp. – Por certo eu era um tolo, não é mesmo? Dissei a palavra, eu a aceitei. Mas aqui, compreendeis, não mais tenho que desenvolver a minha faculdade para as cifras, e ela se desenvolve rapidamente para outras coisas.

7. Não tendes mais de desenvolvê-la para os números...
(O Espírito escreve sem esperar o fim da pergunta).

Resp. – Quer dizer que Deus nos deu a todos uma missão: Tu, disse-me ele, vai espantar os sábios matemáticos; far-te-ei parecer sem inteligência para que fiquem mais impressionados; derrota todos os seus cálculos e faz que eles se digam: Mas que tem ele acima de nós? Que tem de mais forte que o estudo? Queria Deus levá-los a procurar além do corpo? O que existirá de mais material que um algarismo?

8. Que fostes em outras existências?

Resp. – Fui enviado para mostrar outras coisas.

9. Eram sempre relativas às matemáticas?

Resp. – Sim dúvida, desde que é a minha especialidade.

10. Eu tinha formulado alguns problemas para saber se tínheis sempre a mesma faculdade. Mas, de acordo com o que dizeis, julgo não ser mais necessário.

Resp. – Mas não tenho mais soluções a dar; não posso mais. O instrumento é mau, pois não é matemático.

11. Não poderíeis vencer a dificuldade?

Resp. – Ah! nada é invencível; a própria Sebastopol foi tomada. Mas que diferença!

12. Em que vos ocupais agora?

Resp. – Quereis saber a que me entrego? Passeio e espero um pouco antes de recomeçar minha carreira como médium, que deve continuar.

13. Em que gênero pensais exercer esta faculdade mediúnica?

Resp. – Sempre a mesma, porém mais desenvolvida, mais surpreendente.

14. [Um membro faz a seguinte reflexão]: Das respostas do Espírito infere-se que ele agiu como médium na Terra,

levando a crer que teria sido auxiliado por outro Espírito, o que explicaria por que hoje já não goza dessa faculdade.

Resp. – É que meu Espírito foi feito de propósito para ver os números que outros Espíritos me passavam; ele os captava melhor do que o faríeis; tinha o dom do cálculo, pois foi nesse gênero que eu me exercitava. Buscam-se todos os meios de convencer; todos são bons, pequenos ou grandes, e os Espíritos assenhoreiam-se de todos.

15. Fizestes fortuna com vossa faculdade, correndo o mundo para dar sessões?

Resp. – Oh! perguntar se um médium faz fortuna! Vós vos enganais de *caminho*. Claro que não.

16. Mas não vos consideráveis como médium? Nem mesmo sabíeis do que se tratava?

Resp. – Não. Também me admirava de que me servisse tão pouco pecuniariamente. Isto me ajudou moralmente e prefiro o meu ativo, escrito no grande livro de Deus, às rendas que teria obtido do Estado.

17. Agradecemos por vos terdes dignado a responder ao nosso chamado.

Resp. – Mudaste de opinião quanto à minha pessoa.

18. Não mudei; sempre tive por vós grande estima.

Resp. – Felizmente eu resolvia as questões, sem o que não me teríeis olhado.

Observação – Como se sabe, a identidade dos Espíritos é difícil de ser constatada. Geralmente se revela por circunstâncias e detalhes imprevistos, por matizes delicados que somente uma observação atenta pode captar; isto é mais significativo do que os sinais materiais, sempre fáceis de imitar pelos Espíritos enganadores que, no entanto, não podem simular a capacidade intelectual ou as qualidades morais que lhes faltam. Poder-se-ia,

pois, duvidar da identidade, nessa circunstância, sem a explicação muito lógica que o Espírito dá da diferença existente entre seu caráter atual e o que mostrava em vida; porque a resposta numérica que ele dá à evocação não pode ser considerada como prova autêntica. Seja qual for a opinião que se possa formar a respeito da evocação acima, temos de convir que, ao lado de pensamentos faceciosos, ela os encerra profundos; sobretudo as respostas às perguntas 7 e 16 são notáveis quanto a isto. Delas ressalta igualmente, assim como das respostas dadas por outros Espíritos, que o Espírito Mondeux tem uma predisposição para as matemáticas; que é provável tenha exercido essa faculdade em outras existências, mas que não pertenceu ao rol de nenhuma das celebridades da Ciência. Dificilmente se conceberia que um verdadeiro sábio fosse reduzido a fazer esforços de cálculo para divertir o público, sem alcance e sem utilidade científicas. Haveria muito mais motivos para duvidar de sua identidade se se tivesse feito passar por Newton ou Laplace.

SRA. ANAÏS GOURDON

Jovem mulher, notável pela doçura de caráter e pelas mais eminentes qualidades morais, falecida em 1860. Evocada a pedido de seu pai e de seu marido. Pertencia a uma família de trabalhadores das minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para melhor apreciar a sua evocação.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me aqui.

2. Vosso marido e vosso pai pediram-me que vos chamasse e se sentirão felizes em obter uma comunicação vossa.

Resp. – Também estou muito feliz em poder dá-la.

3. Por que fostes subtraída tão cedo à afeição de vossa família?

Resp. – Porque terminavam as minhas provas terrestres.

4. Ides vê-los algumas vezes?

Resp. – Oh! estou incessantemente junto deles.

5. Sois feliz como Espírito?

Resp. – Sou feliz; espero, aguardo, amo; os céus não constituem terror para mim e espero, confiante e com amor, que as brancas asas me conduzam.

6. Que entendeis por essas asas?

Resp. – Entendo tornar-me Espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes, que me deslumbram.

Observação – As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são Espíritos puros, não passam, evidentemente, de um atributo imaginado pelos homens para descrever a rapidez com a qual se transportam, uma vez que a sua natureza etérea os dispensa de qualquer sustentáculo para percorrer os espaços. Contudo, podem aparecer aos homens com esse acessório e, assim, corresponderem ao pensamento destes, do mesmo modo que outros Espíritos tomam a aparência que tinham na Terra, para se fazerem mais bem conhecidos.

7. Vedes vosso cunhado, morto há algum tempo e que evocamos o ano passado?

Resp. – Eu o vi entre os Espíritos, quando cheguei. Agora não o vejo mais.

8. Por que não o vedes mais?

Resp. – Nada sei quanto a isto.

9. Vossos parentes podem fazer algo que vos seja agradável?

Resp. – Podem; esses entes queridos não devem mais me entristecer com a visão de seus pesares, pois sabem que não estou perdida para eles. Que meu pensamento lhes seja suave, leve e perfumado em sua lembrança. Transitei na vida como uma flor, e nada de triste deve subsistir de minha rápida passagem.

10. Como se explica que a vossa linguagem seja tão poética e tão pouco relacionada com a posição que tínheis na Terra?

Resp. – Porque é minha alma que fala. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e muitas vezes Deus permite que Espíritos delicados se encarnem entre os homens mais rudes para lhes fazer pressentir as delicadezas que atingirão e que mais tarde compreenderão.

Observação – Sem esta explicação, tão lógica e tão conforme à solicitude de Deus para com as suas criaturas, dificilmente nos daríamos conta do que, à primeira vista, poderia parecer uma anomalia. Com efeito, que de mais gracioso e mais poético que a linguagem do Espírito dessa jovem senhora, educada em meio aos mais rudes trabalhos? A contrapartida se vê muitas vezes; são Espíritos inferiores, encarnados entre homens mais adiantados, mas com objetivo oposto. É em vista de seu próprio adiantamento que Deus os põe em contato com um mundo esclarecido e, algumas vezes, também, para servirem de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

11. Evocação do Sr. Gourdon, filho mais velho, já evocado em 1860.

Resp. – Eis-me aqui.

12. Lembrai-vos de que já fostes chamado por mim?

Resp. – Sim, perfeitamente.

13. Como é que vossa cunhada não vos vê mais?

Resp. – Ela se elevou.

Observação – A esta pergunta ela havia respondido: “Nada sei quanto a isto”; sem dúvida por modéstia. Agora tudo se explica: de uma natureza superior, pertence a uma ordem mais elevada, enquanto ele ainda está retido na Terra. Seguem caminhos diferentes.

14. Quais têm sido vossas ocupações desde aquela época?

Resp. – Avancei na via dos conhecimentos, ouvindo as instruções dos nossos guias.

15. Poderíeis dar uma comunicação para o vosso pai, que ficará muito feliz?

Resp. – Caro pai, não creias perdidos os teus filhos e não sofras ante a visão dos nossos lugares vazios. Eu também te espero, sem nenhuma impaciência, porque sei que os dias que passam são outros tantos degraus subidos, a nos aproximarem um do outro. Sê grave e recolhido, mas não triste, porquanto a tristeza é uma censura muda, dirigida a Deus, que quer ser louvado em suas obras. Aliás, por que sofrer nesta vida triste, onde tudo se apaga, exceto o bem ou o mal que realizamos? Caro pai, coragem e confiança!

Observação – A primeira evocação deste rapaz era marcada pelos mesmos sentimentos de piedade filial e de elevação. Tinha sido imensa consolação para os pais, que não podiam suportar sua perda. Compreende-se que a mesma coisa deveria ocorrer com a jovem senhora.

Efeitos do Desespero

Morte do Sr. Laferrière, membro do Instituto.

Suicídio do Sr. Léon L... – A viúva e o médico

Somente para registrar os acidentes funestos que chegam ao conhecimento do público, causados pelo desespero, seriam necessários volumes e mais volumes. Quantos suicídios, doenças, mortes involuntárias, casos de loucura, atos de vingança, crimes mesmo, não produz ele todos os dias! Uma estatística muito instrutiva seria a das causas primeiras que levaram à perturbação do

cérebro; nela se veria que o desespero entra, pelo menos, com quatro quintos. Mas não é disto que queremos nos ocupar hoje. Eis dois fatos assinalados pelos jornais, não a título de novidades, mas como assunto de observação.

Lê-se no *Siècle* de 17 de fevereiro último o relato das exéquias do Sr. Laferrière:

“Terça-feira passada conduzimos à sua última morada, com alguns amigos entristecidos, uma jovem de vinte anos, arrebatada por uma doença de alguns dias. O pai dessa filha única era o Sr. Laferrière, membro do Instituto, inspetor-geral das Faculdades de Direito. O excesso de dor fulminou esse pai infeliz e a resignação da fé cristã foi impotente para o consolar.

‘Trinta e seis horas mais tarde, a morte vibrou um segundo golpe, e a mesma semana, que havia separado do pai a filha, os reuniu novamente. Uma multidão numerosa e consternada seguia hoje o esquife do Sr. Laferrière.’

Segundo o jornal, o Sr. Laferrière tinha sentimentos religiosos, o que apreciamos, porquanto não se deve crer que todos os sábios sejam materialistas. Entretanto, esses sentimentos não o impediram de sucumbir ao desespero. Estamos convictos de que se tivesse idéias menos vagas e mais positivas sobre o futuro, tais as que dá o Espiritismo; se tivesse acreditado na presença da filha ao seu lado; se houvesse tido a consolação de comunicar-se com ela, por certo teria compreendido que dela não estava separado senão materialmente e por determinado tempo; e teria tido paciência, submetendo-se à vontade de Deus quanto ao momento de sua reunião; ter-se-ia acalmado pela idéia de que seu próprio desespero era uma causa de perturbação para a felicidade do objeto de sua afeição.

Estas reflexões se aplicam ainda, e com mais razão, ao fato seguinte, que se lê no *Siècle* de 1º de março último:

“O Sr. Léon L..., de 25 anos, empresário de ônibus de Villemonble, em Paris, havia se casado, há cerca de dois anos, com uma jovem a quem amava apaixonadamente. O nascimento de um filho, hoje com um ano de idade, viera estreitar ainda mais a afeição do casal. Como seus negócios prosperavam, tudo lhes parecia pressagiar um longo futuro de felicidades.

“Há alguns meses a Sra. L... foi subitamente acometida de febre tifóide e, apesar dos mais assíduos cuidados, malgrado todos os recursos da Ciência, sucumbiu em pouco tempo. A partir desse momento, o Sr. L... foi tomado de grande melancolia, da qual nada podia subtraí-lo. Muitas vezes ouviam-no dizer que a vida lhe era odiosa e que iria reunir-se àquela que havia levado toda a sua felicidade.

“Ontem, voltando de Paris em seu cabriolé, por volta das sete horas da noite, o Sr. L... entregou o veículo ao palafreireiro e, sem dizer uma palavra a ninguém, entrou num aposento situado no rés-do-chão, contíguo à sala de jantar. Uma hora mais tarde, uma criada veio avisar que o jantar estava servido. Ele respondeu que não tinha necessidade de mais nada; estava recostado sobre a mesa, a cabeça apoiada nas mãos e parecia tomado de completa prostração.

“A doméstica avisou aos pais, que vieram para junto do filho. Tinha perdido a consciência. Correram à procura do Dr. Dubois. À sua chegada o médico constatou que Léon não existia mais. Tinha-se envenenado com o auxílio de uma forte dose de opiáceo²³, que havia comprado para os seus cavalos.

“A morte do rapaz causou viva impressão na região, onde gozava da estima geral.”

23 N. do T.: No original laudanum [láudano]: medicamento cuja base é o ópio.

Certamente o Sr. Léon L... acreditava na vida futura, pois se matou para ir reunir-se à esposa. Se houvesse conhecido, através do Espiritismo, a sorte que aguarda os suicidas, teria sabido que, longe de apressar o momento dessa união, era um meio infalível de o retardar.

A estes dois fatos contrapomos o seguinte, mostrando o império que podem exercer as crenças espíritas sobre as resoluções dos que as possuem.

Um de nossos correspondentes nos transmite o que segue:

“Uma senhora do meu conhecimento havia perdido o marido, cuja morte era atribuída a um erro médico. A viúva foi tomada de tal ressentimento contra este último, que o perseguia incessantemente com invectivas e ameaças, dizendo-lhe, onde quer que o encontrasse: ‘Carrasco, não morrerás senão por minha mão!’ Essa senhora era muito piedosa e boa católica; mas foi em vão que, para acalmá-la, lançaram mão dos socorros da religião; chegou a ponto de o médico julgar dever dirigir-se à autoridade, para sua própria segurança.

“O Espiritismo conta numerosos adeptos na cidade habitada por essa senhora. Um de meus amigos, excelente espírita, disse-lhe um dia: – Que pensaríeis se pudésseis ainda conversar com o vosso marido? – Oh! disse ela, se soubesse que tal era possível! Se tivesse certeza de não o haver perdido para sempre, consolar-me-ia e esperaria. Logo lhe deram a prova; seu próprio marido veio ministrar-lhe conselhos e consolo, não tendo ela, pela linguagem do consorte, nenhuma dúvida quanto à presença dele junto a ela. Desde então se operou uma revolução completa em seu espírito; ao desespero sucedeu a calma, e as idéias de vingança deram lugar à resignação. Oito dias depois ela se dirigiu à casa do médico, o qual não se achava muito seguro quanto a essa visita; mas, longe de o ameaçar, ela lhe estende a mão e diz: ‘Nada temais, senhor; venho pedir que me perdoe o mal que vos tenho feito,

como eu vos perdôo o que me fizestes involuntariamente. Foi meu próprio marido que me aconselhou a postura que tomo no momento; ele me disse que absolutamente não fostes a causa de sua morte. Aliás, tenho agora a certeza de que ele está perto de mim, vê e vela por mim, e que um dia estaremos reunidos. Assim, senhor, não me queirais mal, como, por meu lado, não lhe desejo mais o mal.' Inútil dizer que o médico aceitou logo a reconciliação e teve pressa em saber a causa misteriosa a que, doravante, devia a sua tranqüilidade. Assim, sem o Espiritismo, essa senhora provavelmente teria cometido um crime, por mais religiosa que fosse. Isto prova a inutilidade da religião? Não, de forma alguma, mas apenas a insuficiência das idéias que ela dá do futuro, apresentando-o de tal modo vago que deixa em muita gente uma espécie de incerteza, ao passo que o Espiritismo, permitindo, por assim dizer, tocá-lo com o dedo, faz nascer na alma uma confiança e uma segurança mais completas.

Ao pai que perdeu o filho, ao filho que perdeu o pai, ao marido que perdeu a esposa adorada, que consolação dá o materialista? Diz ele: Tudo acabou; do ser que vos era tão caro nada resta, absolutamente nada, a não ser esse corpo que logo estará dissolvido. Mas de sua inteligência, de suas qualidades morais, da instrução adquirida, nada; tudo isto é o nada; vós o perdestes para sempre. Já o espírita diz: De tudo isto nada é perdido; tudo existe; só há de menos o invólucro precívél, mas o Espírito, liberto de sua prisão, está radiante; ei-lo, junto de vós; ele vos vê, vos escuta e vos espera. Oh! quanto mal fazem os materialistas ao inocularem, com os seus sofismas, o veneno da incredulidade! Jamais amaram; se assim não fora poderiam ver, impassíveis, os objetos de sua afeição reduzidos a um amontoado de poeira? Parece, pois, que, para eles, Deus reservou maiores rigores, desde que os vemos reduzidos à mais deplorável posição no mundo dos Espíritos; Deus é tanto menos indulgente para com eles quanto mais perto estiveram de se esclarecer.

Dissertação e Ensinos Espíritas

POR DITADOS ESPONTÂNEOS

MUITOS OS CHAMADOS POUCOS OS ESCOLHIDOS²⁴

(Obtido pelo Sr. d'Ambel, médium da Sociedade)

Esta máxima evangélica deve aplicar-se com muito mais razão aos tempos atuais do que aos primeiros dias do Cristianismo.

Com efeito, já não escutais o ruído da tempestade que há de arrebatrar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! bendizei o Senhor, vós que haveis posto a vossa fé na sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, ides pregar o novo dogma da reencarnação e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres.

Não mais vos assusteis! As línguas de fogo estão sobre as vossas cabeças. Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo!... sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os Espíritos elevados. Certamente falareis a criaturas que não quererão escutar a voz de Deus, porque essa voz as exorta incessantemente à abnegação. Pregareis o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos déspotas! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se mister regueis com os vossos suores o terreno onde tendes de semear, porquanto ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e da charrua evangélicas. Ide e pregai!

24 N. do T.: Com o título de “Missão dos espíritas”, Allan Kardec inseriu esta mensagem, da autoria do Espírito Erasto, no capítulo XX, item 4, de seu *O Evangelho segundo o Espiritismo*.

Ó todos vós, homens de boa-fé, conscientes da vossa inferioridade em face dos mundos disseminados pelo Infinito!... lançai-vos em cruzada contra a injustiça e a iniquidade. Ide e proscreei esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra. Ide, Deus vos guia! Homens simples e ignorantes, vossas línguas se soltarão e falareis como nenhum orador fala. Ide e pregai, que as populações atentas recolherão ditosas as vossas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz.

Que importam as emboscadas que vos armem pelo caminho! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, porquanto o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras.

Ide, homens, que, grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, credes sem fazerdes questão de ver e aceitais os fatos da mediunidade, mesmo quando não tendes conseguido obtê-los por vós mesmos; ide, o Espírito de Deus vos conduz.

Marcha, pois, avante, falange imponente pela tua fé e por teu pequeno número! Marcha! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissiparão, como a bruma da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que desloca montanhas, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, jazem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Parti, então, cheios de coragem, para removerdes essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vós, que só muito imperfeitamente conheceis os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, em todos os pontos do globo, vão produzir-se as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se espargirá sobre os dois mundos.

Ide, pois, e levai a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrareis fervor e fé. Ide; estes receberão, com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levareis, e baixarão a frente, rendendo-lhe graças pelas aflições que a Terra lhes destina.

Arme-se a vossa falange de decisão e coragem! Mãos à obra! o arado está pronto; a terra espera; arai!

Ide e agradecei a Deus a gloriosa tarefa que Ele vos confiou; mas, atenção! entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; reparaí, pois, vosso caminho e segui a verdade.

P. – Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?

Resp. – Reconhecê-los-eis pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecê-los-eis pelo número de aflitos a que levem consolo; reconhecê-los-eis pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecê-los-eis, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.

Erasto,

Anjo-da-guarda do médium

OCUPAÇÃO DOS ESPÍRITOS

(Médium – Sra. Costel)

As ocupações dos Espíritos de segunda ordem consistem em se prepararem para as provas que terão de suportar,

por meditações sobre suas vidas passadas e observações sobre os destinos dos homens, seus vícios, suas virtudes, aquilo que os pode aperfeiçoar ou levá-los a falir. Os que, como eu, têm a felicidade de ter uma missão, ocupam-se dela com tanto mais zelo e amor, quanto o progresso das almas que lhes são confiadas lhes é contado como mérito. Assim, esforçam-se por lhes sugerir bons pensamentos, ajudam os seus bons impulsos e afastam os Espíritos maus, opondo sua doce influência às influências nocivas. Essa ocupação interessante, sobretudo quando se é bastante feliz para dirigir um médium e ter comunicações diretas, não afasta o cuidado e o dever de aperfeiçoar-se.

Não creiais que o tédio possa atingir um ser que só vive pelo espírito e cujas faculdades tendem, todas, para um objetivo, que ele sabe distante, mas certo. O tédio resulta do vazio da alma e da esterilidade do pensamento. O tempo, tão pesado para vós, que o medis por vossos temores pueris ou vossas frívolas esperanças, não faz sentir sua marcha aos que não estão sujeitos nem às agitações da alma, nem às necessidades do corpo. Ele passa ainda mais depressa para os Espíritos puros e superiores que Deus encarrega da execução de suas ordens e que percorrem as esferas em vôo muito rápido.

Quanto aos Espíritos inferiores, especialmente os que têm pesadas faltas a expiar, o tempo se mede por seus pesares, seus remorsos e seus sofrimentos. Os mais perversos dentre eles buscam escapar fazendo o mal, isto é, sugerindo a maldade. Então experimentam essa áspera e fugidia satisfação do doente que coça a sua ferida, não fazendo senão aumentar a dor. Assim, seus sofrimentos aumentam de tal sorte que acabam fatalmente por procurar o remédio, que outra coisa não é que o retorno ao bem.

Os pobres Espíritos, que apenas foram culpados pela fraqueza ou pela ignorância, sofrem a sua inanidade, o seu isolamento. Lamentam o seu envoltório terreno, seja qual for a dor

que lhes tenha causado; revoltam-se e se desesperam até o momento em que percebem que só a resignação e a vontade firme de volver ao bem podem aliviá-los; acalmam-se e compreendem que Deus não abandona nenhuma de suas criaturas.

*Marcillac,
Espírito familiar*

O DEBOCHE

(Enviado pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

A escolha dos bons autores é muito útil e os que exercem seu domínio sobre vós, excitando-vos a imaginação pelas loucas paixões humanas, não fazem senão corromper o coração e o espírito. Com efeito, não é entre os apologistas da orgia, do deboche, da volúpia e dos que preconizam os prazeres materiais que se podem haurir lições de melhoramento moral. Pensai, pois, meus amigos, que se Deus vos deu paixões foi com o objetivo de vos fazer concorrer para os seus desígnios e não para as satisfazer como um animal. Ficai certos de que se consumis a vossa vida em loucos prazeres, que apenas deixam remorsos e o vazio no coração, não agireis segundo os propósitos de Deus. Se vos é dado reproduzir a espécie humana, é que milhares de Espíritos errantes esperam no espaço a formação dos corpos de que têm necessidade para recomeçar suas provas e que, usando as vossas forças em ignóbeis volúpias, ides de encontro aos desígnios de Deus e grande será o vosso castigo. Bani, pois, essas leituras, das quais não tirais nenhum proveito, nem para a vossa inteligência, nem para o vosso aperfeiçoamento moral. Que os escritores sérios de todos os tempos e de todos os países vos façam conhecer o belo e o bem; que elevem vossa alma pelo encanto da poesia, ensinando-vos o emprego útil das faculdades com que o Criador vos dotou.

*Felícia,
Filha do médium*

Observação – Não haverá algo de profundo e de sublime nessa idéia que dá à reprodução do corpo um objetivo tão elevado? Os Espíritos errantes esperam esses corpos, de que necessitam para o seu próprio adiantamento, e que os Espíritos encarnados estão encarregados de reproduzir, como o homem espera a reprodução de certos animais para vestir-se e alimentar-se.

Disso resulta um outro ensinamento, de alta gravidade. Se não se admite que a alma já tenha vivido, é absolutamente necessário que seja criada no momento da formação e para o uso de cada corpo; de onde se segue que a criação da alma por Deus estaria subordinada ao capricho do homem, e na maior parte das vezes é o resultado do deboche. Como! Todas as leis religiosas e morais condenam a depravação dos costumes e Deus se aproveitaria disto para criar almas! Perguntamos a todo homem de bom-senso se é admissível que Deus se contradiga a tal ponto? Não seria glorificar o vício, uma vez que se prestaria à realização dos mais elevados desígnios do Todo-Poderoso: a criação das almas? Que nos digam se tal não seria a conseqüência da formação simultânea das almas e dos corpos; e seria pior ainda se fosse admitida a opinião dos que pretendem que o homem procria a alma ao mesmo tempo que o corpo. Admiti, ao contrário, a preexistência da alma, e toda contradição desaparece. O homem não procria senão a matéria do corpo; a obra de Deus, a criação da alma imortal, que um dia deve se aproximar dEle, não mais está submetida ao capricho do homem. É assim que, fora da reencarnação, surgem dificuldades insolúveis a cada passo e se cai na contradição e no absurdo quando se quer explicá-las. O princípio da unicidade da existência corporal, para decidir sem retorno os destinos futuros do homem, perde terreno e partidários diariamente. Podemos, pois, dizer com segurança que, em pouco tempo, o princípio contrário será universalmente admitido, como o único lógico, o único conforme à justiça de Deus, e proclamado pelo próprio Cristo, quando disse: *Eu vos digo que é necessário nascer várias vezes antes de entrar no reino dos céus.*

SOBRE O PERISPÍRITO

Ditado espontâneo a propósito de uma discussão que acabava de ocorrer na Sociedade quanto à natureza do Espírito e do perispírito.

Médium: Sr. A. Didier

Segui com interesse a discussão que se estabeleceu agora mesmo e que vos pôs em tão grande embaraço. Sim; faltam às palavras cor e forma para expressarem o perispírito e sua verdadeira natureza. Mas há uma coisa certa: o que uns chamam *perispírito* não é senão o que outros chamam envoltório fluídico, material. Quando se discute semelhantes questões, não são as frases que devemos buscar, mas as palavras. Para me fazer compreender de maneira mais lógica, direi que esse fluido é a perfectibilidade dos sentidos e a extensão da visão e das idéias; refiro-me aqui aos Espíritos elevados. Quanto aos Espíritos inferiores, os fluidos terrestres são ainda completamente inerentes a eles; assim, como vedes, são matéria; daí os sofrimentos da fome, do frio, etc., sofrimentos que não podem alcançar os Espíritos superiores, considerando-se que os fluidos terrestres são depurados em torno do pensamento, isto é, da alma. Para seu progresso, a alma sempre tem necessidade de um agente; sem agente a alma nada é para vós ou, melhor dizendo, não pode ser concebida por vós. Para nós outros, Espíritos errantes, o perispírito é o agente pelo qual nos comunicamos convosco, seja indiretamente, por vosso corpo ou vosso perispírito, seja diretamente por vossa alma. Daí as infinitas gradações de médiuns e de comunicações. Agora resta o ponto de vista científico, isto é, a essência mesma do perispírito. Isto é uma outra questão. Primeiro compreendi moralmente; não resta mais que uma discussão sobre a natureza dos fluidos, o que é inexplicável no momento. A Ciência não conhece bastante, mas lá chegaremos se ela quiser marchar com o Espiritismo.

Lamennais

O ANJO GABRIEL

Evocação de um Espírito bom, pela Sra. X..., em Soultz, Alto-Reno

Sou Gabriel, o anjo do Senhor, que me encarrega de vos abençoar, não por vossos méritos, mas pelos esforços que empreendeis para os adquirir.

A vida deve ser um combate; não se deve jamais parar, jamais vacilar entre o bem e o mal. A hesitação já vem de Satã, isto é, dos Espíritos maus. Coragem, pois! Quanto mais espinhos encontrardes em vosso caminho, mais esforços vos serão necessários para o seguir. Se fosse semeado de rosas, que mérito teríeis perante Deus? Cada um tem o seu calvário na Terra, mas nem todos o percorrem com aquela doce resignação de que Jesus vos deu o exemplo. Ele foi tão grande que os anjos ficaram comovidos! E os homens! mal derramam uma lágrima a tantas dores! Ó dureza do coração humano! Mereceríeis semelhante sacrifício? Lançai vosso rosto no pó e clamai misericórdia a Deus, mil vezes bom, mil vezes terno, mil vezes misericordioso! Um olhar, ó meu Deus! sobre a vossa obra; sem isso ela perecerá! Seu coração não está à altura do vosso; ele não pode compreender este excesso de amor de vossa parte. Tende piedade; tende mil vezes piedade de sua fraqueza. Levantai sua coragem por pensamentos que só podem proceder de vós. Sobretudo abençoai-os, a fim de que dêem frutos dignos de vossa imensa grandeza!

Hosana no mais alto dos céus! e paz aos homens de boa vontade!

É assim que terminarei as palavras que Deus me ordenou vos transmitisse.

Sede benditos no Senhor, para que possais despertar um dia em seu seio.

DESPERTAI

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sra. Costel)

Falarei dos sintomas e predições que, por toda parte, anunciam a vinda de grandes acontecimentos que o nosso século encerra. Em sua tocante bondade, os Espíritos, mensageiros de Deus, advertem o Espírito dos homens, como as dores previnem a mãe quanto à proximidade do parto. Esses sinais, muitas vezes desprezados e, entretanto, sempre justificados, neste momento se multiplicam ao infinito. Por que sentis todos o Espírito profético agitar-vos os corações e abalar-vos as consciências? Por que as incertezas? Por que os desfalecimentos que turvam os corações? Por que o despertar do espírito público que, em toda parte, arvora a sua altiva bandeira? Por quê? É que os tempos são chegados; é que o reino do materialismo está cedendo e vai desabar; é que os prazeres do corpo, em breve desprezados, darão lugar ao reino da idéia; é que o edifício social está carcomido e será substituído pela jovem e triunfante legião das idéias espíritas, que fecundarão as consciências estéreis e os corações mudos. Que estas palavras incessantemente repetidas não vos achem distraídos e indiferentes. Depois que o lavrador houver semeado, recolhei as preciosas espigas que nascerem. Não digais: a vida segue o seu curso e uma marcha normal. Nossos pais nada viram do que hoje nos anunciam: não veremos mais que eles. Adoremos o que eles adoraram, ou, melhor, substituamos a adoração por fórmulas vãs, e tudo estará bem. Falando assim, dormis. Despertai, porque não é a trombeta do juízo final que ecoará em vossos ouvidos, mas a voz da verdade. Não se cogita da morte vencida e humilhada, trata-se da vida presente, ou antes, da vida eterna; não a esqueçais e despertai.

Helvétius

O GÊNIO E A MISÉRIA

(Sociedade Espírita de Paris – Médium: Sr. Alfred Didier)

Há uma prova muito grande na Terra, sobre a qual deve apoiar-se a moral do Espiritismo: é a terrível provação do homem

de gênio, sobretudo do que é dotado de faculdades superiores, presa das exigências da miséria. Ah! sim; esta prova moral, esta miséria da inteligência, muito mais que a do corpo será o maior mérito para o homem que tiver cumprido sua missão. Compenetrai-vos dessa luta incessante do talento contra a miséria, esta harpia que se lança sobre vós durante o festim da vida, semelhante ao monstro de Virgílio e que diz a todas as suas vítimas: Sois poderosos, mas sou eu quem vos mata, eu que envio ao nada os dons de vossa inteligência, porquanto sou a morte do gênio. Eu sei que só alguns estão vencidos, mas os outros, quantos são? Há um pintor da escola moderna que assim concebeu o assunto. Um ser, o gênio, cujas asas se abrem e cujo olhar se volta para o Sol; quase que se ergue, mas cai sobre um rochedo, onde estão fixadas cadeias de ferro que talvez o reterão para sempre. É possível que o homem que teve este sonho haja sido acorrentado e, talvez, após a sua libertação, se tenha recordado dos que deixara para sempre no rochedo.

Gérard de Nerval

TRANSFORMAÇÃO

(Sociedade Espírita de Paris – Médiun: Sra. Costel)

Venho falar-te daquilo que mais importa, nesta época de crise e de transformação. No momento em que as nações vestem a túnica viril, no momento em que o céu desvelado vos mostra, vagando nos espaços infinitos, os Espíritos dos que julgáveis dispersos como moléculas ou servindo de pasto aos vermes; neste momento solene faz-se necessário que, armado da fé, o homem não marche tateando nas trevas do personalismo e do materialismo. Como outrora os pastores, guiados por uma estrela, vinham adorar o Menino-Deus, é preciso que o homem, guiado pela brilhante aurora do Espiritismo, marche finalmente para a Terra Prometida da liberdade e do amor. É preciso que, compreendendo o grande mistério, saiba que o fim harmonioso da Natureza, seu ritmo admirável, são os modelos da Humanidade. Nesta impressionante diversidade que confunde os Espíritos, distingui a perfeita similitude das relações entre as coisas criadas e os seres criados, e que essa

poderosa harmonia vos leve a todos, homens de ação, poetas, artistas, operários, à união na qual devem fundir-se os esforços comuns durante a peregrinação da vida. Caravanas assaltadas pelas tempestades e pelas adversidades, estendei vossas mãos amigas e marchai com os olhos fixos no Deus justo, que recompensa ao cêntuplo aquele que tiver aliviado o fraco e o oprimido.

Georges

A SEPARAÇÃO DO ESPÍRITO

(Enviado pelo Sr. Sabò, de Bordeaux)

Corpo de lama, foco de corrupção onde fermenta o levedo das paixões impuras; são seus órgãos que muitas vezes arrastam o Espírito às sensações brutais que dizem respeito à matéria. Quando o princípio da vida orgânica se extingue por um dos mil acidentes aos quais está sujeito o corpo, o Espírito se desprende dos laços que o retinham à sua fétida prisão, e ei-lo livre no espaço.

Todavia acontece que, quando ignorante, e sobretudo quando é muito culpado, um espesso véu lhe oculta as belezas da morada onde habitam os Espíritos bons, e ele se encontra só ou na companhia de Espíritos cruéis e inferiores, num círculo que lhe não permite nem ver onde chega, nem se lembrar de onde vem. Então se sente inquieto, sofredor, pouco à vontade, até que, num tempo mais ou menos longo seus irmãos, os Espíritos, vêm esclarecê-lo sobre a sua posição e lhe abrem os olhos para que se lembre do mundo dos Espíritos, que habitou, e dos diferentes planetas, onde sofrerá suas diversas encarnações; se a última foi bem conduzida, ela lhe abre as portas dos mundos superiores; mas se foi inútil e cheia de iniquidades, ele é punido pelo remorso. Somente depois que o Espírito se curvou à cólera de Deus, por seu arrependimento e pela prece de seus irmãos, recomeça a viver, o que não é uma felicidade, mas um castigo ou uma provação.

*Ferdinand,
Espírito familiar*

Allan Kardec